

III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem  
XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul  
III Encontro dos Mestrados Profissionais em Educação e Letras

Tema: **IMPACTO DAS REFORMAS EDUCACIONAIS  
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**UEMS, Campo Grande, Brasil - 06 a 08 de junho de 2018**



## **INFLUÊNCIA AFRICANA NA ORALIDADE DE UM AFRO-DESCENDENTE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA TIA EVA**

**Natalícia da Silva Ramos – UEMS**

**Sônia Filiú Albuquerque Lima - UEMS**

### **RESUMO**

O presente texto apresenta o relato de pesquisa de Iniciação Científica pelo curso de Letras, habilitação Língua Portuguesa e Inglês da unidade de Campo Grande da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Esta pesquisa teve como objetivo verificar a influência das línguas africanas no Português coloquial observado em um afro-descendente da comunidade quilombola Tia Eva em Campo Grande, MS. O texto contextualiza na história o encontro e influências das línguas africanas e as principais influências dessas línguas no Português brasileiro, encontradas em Mendonça (2012), Pessoa de Castro (1983) e Aragão (2011); O trabalho elenca e classifica essas influências africanas observadas na Língua Portuguesa falada de um morador da referida comunidade e discute as questões sociolinguísticas em torno do lugar que essas influências ocupam no Português do Brasil. Destaca-se ainda a contribuição e herança africana em nossa cultura e língua e discute-se questões como a dívida social com os negros no Brasil e o racismo ainda presente e velado, contribuindo para sua desconstrução. Acreditamos que tal desconstrução parte da discussão sobre o lugar social que as influências africanas ocupam na língua falada e na cultura brasileira e as relações de poder que demarcam tal lugar.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Línguas africanas. Português do Brasil. Preconceito linguístico.

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo aponta a presença da influência das línguas africanas nos aspectos fonético-fonológicas na Língua Portuguesa falada por um morador da comunidade negra Tia Eva em Campo Grande /MS.

Após a abolição da escravatura muitos ex-escravos migraram para a região onde hoje é o estado de Mato Grosso do Sul e trouxeram sua influência cultural, incluindo a influência das

línguas africanas no Português que aprenderam. É o caso da ex-escrava Eva Maria de Jesus que vinda de Goiás para Campo Grande, onde se estabeleceu e deu origem, através de seus descendentes, à comunidade quilombola Tia Eva em Campo Grande/ MS (MORAES, 2003). Diante do fato de descendentes de um ex-escravo analisamos sua fala e identificamos as influências das línguas africanas, tendo como ponto de partida as principais influências africanas no que se refere aos aspectos fonéticos e fonológicos elencados por Mendonça (2012) e Pessoa de Castro (1983) e Aragão (2011). Foi tomado como corpus de análise pronunciamentos de um bisneto de Tia Eva e morador da comunidade do mesmo nome. Tal pronunciamento revela em sua forma coloquial uma fala representativa que contém algumas das influências das línguas africanas elencadas por Mendonça e Pessoa de Castro.

Tendo em vista as questões acima colocadas, realizamos um breve levantamento das línguas africanas originárias vindas para o Brasil com a escravidão; Contextualizamos o encontro e influências das línguas africanas; Descrevemos as principais influências das línguas africanas no Português brasileiro, encontradas em Mendonça (2012) e Pessoa de Castro (1983, 2015); Elencamos e classificamos essas influências africanas observadas no Português coloquial do afro-descendente citado, da comunidade quilombola Tia Eva em Campo Grande, MS.

Os africanos contribuíram em vários aspectos da nossa cultura como comida, danças e religião. E com o Português não foi diferente, pois temos registrado através de pesquisas e da literatura, a riqueza da influência africana fonético-fonológica e morfossintática em nossa Língua Portuguesa brasileira, principalmente na linguagem coloquial.

## **A CHEGADA DOS NEGROS AO BRASIL**

Como já sabemos o Brasil originou-se de uma colônia Portuguesa implantada neste território a partir do ano de 1500. Portugal explorava estas terras nas formas de plantios e minas cujos produtos eram enviados para Europa para enriquecer o colonizador. Para tanto se fazia necessário mão de obra escrava, então os colonizadores aprisionaram os índios aqui habitavam e os obrigaram ao trabalho escravo. Mas os índios conheciam bem a região o que era propício para as fugas. Então surge o negro como opção de mão de obra escrava.

Para falarmos sobre as influências da língua africana no Português, é importante saber como esses povos vieram parar aqui, de que regiões vieram e qual era a língua falada por eles. Então podemos começar pelo processo de escravidão, que se iniciou em 1441 em Portugal por

Antão Gonçalves ao trocar dois mouros por dez negros na costa da África. A partir daí começou a organizarem-se companhias para essa finalidade e com a descoberta do Brasil remessas foram destinadas para cá (MENDONÇA, 2012).

Durante três séculos de importação humana de forma legal e clandestina, Pessoa de Castro (1983) afirma ser em torno de quatro a cinco milhões de falantes africanos adentraram terras brasileira e que no censo de 1823 era uma proporção de 75% de negros e mestiços para o total da população, ou seja, a quantidade de pessoas falando outra língua que não o Português europeu era bem maior. Lembrando que esses povos tinham sua língua própria, assim como sua cultura, e o Português lhes foi imposto em uma situação de substrato, que é quando o povo abandona a sua própria língua e adere à língua que lhe é imposta, portanto os escravos africanos tiveram que aprender a nova língua subitamente e de ouvir, sem a necessária preparação a simplifica de forma brusca e extrema (aloglotas). Este fato contribuiu para torná-la mais variada e expressiva, porém, mais arcaizantes. Essa última característica é muito presente na zona rural, por ser naturalmente conservadora e pelos fatores históricos e também na fala de pessoas humildes e de classe média modesta, exemplo de aculturação de acordo com Pessoa de Castro (1983).

Mas os dados estatísticos não são tudo, outro aspecto relevante é de qual região africana vieram esses povos ou pelo menos a maioria? Qual era sua língua? Trataremos a seguir.

## **DE ONDE VIERAM, QUEM ERAM E QUAIS ERAM SUAS LÍNGUAS**

O continente africano é grande em extensão e também na quantidade de países e povos. Quando se trata de povos escravizados a referência que se faz é que são africanos não especificando seu país e nem região. Mas de onde vieram? De acordo com Pessoa de Castro (2015) esses povos foram trazidos de duas regiões da África subsaariana. Uma dessa região é a Bantu que conta com um grupo de 300 línguas, que são semelhantes e é falada em 21 países da África, mas a que mais se destacou no Brasil colônia foi a Quimbundo, Umbundo e Quicongo. O quimbundo é oriundo da região central da Angola, já o quicongo é da República do Congo e a Umbundo pertence ao sul de Angola entre outros países. Essas três línguas são chamadas pelos estudiosos de Bantu. A língua Bantu é considerada a mais antiga no Brasil e sua contribuição está ligada à escravidão e integra o sistema linguístico português com palavras de raiz bantu, mas que deriva palavras em português e desta forma substitui palavras de sentido equivalente em Português tais como *caçulinha*, *bagunceiro* e *xodozento*.

A outra região subsaariana é a sudanesa, cuja a língua que mais se destaca é a da família *kwa* falada no Golfo de Benin, desta língua a principal representante no Brasil foi a língua ioruba, cujo povo também eram chamados de ioruba ou nagô, oriundos dos sudoeste da Nigéria. A presença do povo nagô ou ioruba era tão marcante no Brasil colônia que toda pessoa de origem africana era chamada de nagô (PESSOA DE CASTRO, 2015).

Outra língua que representou a língua sudanesa foi a ewe-fon, os povos que falavam esta língua no Brasil eram chamados de jejes ou minas. Encontram-se línguas parecidas com ewe-fon em Gana, Togo e Benin. Os ewe-fon foram trazidos ao Brasil e destinados às minas e plantações. A concentração deste povo aumentou consideravelmente nestes locais, ou seja, um grande contingente de pessoas falando a mesma língua ou língua muito semelhante, situação que facilitava revoltas e fugas (PESSOA DE CASTRO, 2015). Assim, os povos africanos que foram trazidos ao Brasil no período de colonização para o trabalhos escravos foram os Bantus, iorubas/nagôs e os jejes e minas (ewe-fon). A língua que trouxeram consigo foram o Quimbundo, Quicongo, Umbundo, Ioruba e Eewe-fon. E vieram das regiões Bantu e sudanesa, ambas de regiões subsaarianas e países como Angola, República do Congo, Benin, Golfo de Benin, Nigéria, entre outros. Após identificarmos os povos, regiões e países de origem e suas línguas, apontaremos algumas características destas línguas.

## **CARACTERÍSTICAS DAS LÍNGUAS AFRICANAS QUE APORTARAM NO BRASIL**

Ainda de acordo com Pessoa de Castro (2015) uma das principais características das línguas citadas acima é a origem na família linguística Níger-Congo, se tornando próximas apesar de algumas diferenças apresentadas entre elas. A seguir vamos pontuar algumas características do Banto, Ioruba e Ewe-fon.

A língua Banto ou como determinado no Brasil de congo-angola (quimbundo, umbundo e quicongo) tem como principal característica a utilização do prefixo para classificar ou apontar plural e singular, gênero feminino e masculino, classe de seres animados e inanimados, utiliza pares ordenados para dar sentido a um mesmo nome como no exemplo dado por Pessoa de Castro (2015) de cl. 1/2 mu/ba destinados para apontar a classe de seres humanos, homens e varia conforme o plural, *ba.ntu e mu.ntu*. Já o prefixo *ku* faz o mesmo papel do “to” no inglês para apontar que o verbo esta no infinitivo e *ka* para determinar diminutivos. Portanto, será o prefixo que determinará o plural do substantivo, se o verbo esta no infinitivo, se é um diminutivo ou ainda a que classe pertence se de seres animados ou objetos.

Já a língua sudanesa representada pelo ioruba/nagô e ewe-fon a principal característica do ioruba é por ser uma língua única, já o ewe-fon é um conjunto de línguas próximas em suas semelhanças. Sobre as línguas sudanesas não foi detectada muitas informações sobre suas características a não ser que os seus representantes no Brasil vieram posteriormente aos bantos e eram em minoria, por isso os seus falares se limitou à religião, que mais tarde tornou-se objeto de estudo levando estudiosos a interpretar a qualquer linguagem africana como sendo ioruba. Esses povos eram islâmicos e lideraram algumas revoltas na década de XIX, como citado por Pessoa de Castro (2015).

Para as línguas sudanesas a entonação ou tonalidade musical é muito importante, principalmente para a língua ioruba, devido à maioria de seu vocábulo ser constituído de monossílabas, uma consoante e uma vogal, onde o sentido é determinado pela tonalidade musical, onde o tom pode expressar afirmação, aumentativo, plural negação e etc (MENDONÇA, 2012).

Podemos afirmar ainda que de acordo com Mendonça (2012) as línguas sudanesas e bantu coincidem nas características gerais, e que nos aponta Mendonça à possibilidade de haver uma só língua africana.

Assim, podemos concluir que a característica mais presente em nossa Língua Portuguesa brasileira recebeu maiores influências da língua africana bantu. Não que não tenha recebida das línguas sudanesas, mas em menor teor.

## **PORTUGUÊS AFRICANIZADO OU AFRICANO APORTUGUESADO?**

Acima apontamos como os negros chegaram ao Brasil, de que regiões vieram, quais eram suas línguas e suas características, levando em consideração que não eram povos como um papel em branco, pois possuíam uma cultura e sua própria língua que devido a escravidão foram obrigados a aderirem a língua do explorador, que neste caso trata-se do português europeu. E ainda, para chegarmos ao português do Brasil houve também a influência da língua indígena, mas estamos focando na língua africana que é o nosso objeto de estudo, o contato do falante africano com a língua Portuguesa. Como título de tópico usamos a afirmação de Pessoa de Castro (2015) “africanização do português ou aportuguesamento do africano”.

Houve fatores que facilitaram a africanização do português ou aportuguesamento do africano, um desses fatores foi a estrutura silábica formada pelo par de consoante e vogal – CV, devido a língua africana não possuir encontros consonantais, e também o sistema de vogais

orais: a, e, ê, i, o, u que permitiu a continuidade do português europeu na modalidade brasileira. Outro fato relevante é a omissão da consoante final em certas palavras, quais são transformadas em vogal como podemos observar na fala do brasileiro a palavra fazer – *fazê*, Pessoa de Castro,(2015) afirma sendo esta uma característica bantu e ioruba.

A seguir apresentamos um quadro-sumário da influência das línguas africanas no Português do Brasil, especialmente quanto aos mais importantes aspectos fonético-fonológicos, de acordo com Aragão (2011), citados também por Pessoa de Castro (1983) e Mendonça (2012).

### Quadro 1 - Influências africanas nos aspectos fonéticos da Língua Portuguêsa

Nome	Explicação	Exemplo
Iotização	Substituição do lh por i, y	Colher – [kuj'ɛ]. Espalhar – espaiá
Monotongaço	Abreviação de duas vogais em uma.	“caixa” [‘kaSa]; “deixar” [‘deSah]
Ditongaço	Surge a vogal i	“ três” [‘tRejs ]; “mês” [ ‘mejs ]
Apócope	Ocultação do l, r, e s final.	“sal” [‘as]; “casar” [6A‘za]; “costas” [‘k†Sta]
Aférese	Abreviação da palavra desaparecendo a primeira sílaba	Esta – [ta]; estava – [tava]
Síncope do d no grupo nd	O fonema D desaparece	Passando [passano]
Perda da nasalização Final	O fonema final é omitido	Comeram – [ku'meru]; estavam – [iS'tava]
Rotacismo	O l pronunciado com som de r	Falsidade – farsidade
Supressão da marca redundante de plural*	O artigo aponta o plural e o substantivo no singular	As menina

Fonte: ARAGÃO, 2011.

Devemos considerar ainda que o próprio português brasileiro é um conceito coletivo que sofre desdobramentos em níveis dependendo da ocasião, regiões e classes sociais. O mesmo ocorre com os aportes africanos que variam de acordo com os níveis de linguagem socioculturais, e que a aceitação ou resistência a essa influência é de ordem sociocultural e que o grau de mestiçagem linguística coincide com a mestiçagem biológica, mas não de modo absoluto.

A seguir, serão apresentadas e analisadas algumas dessas influências percebidas na fala de um morador da comunidade Tia Eva.

## **BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA TIA EVA**

Em Campo Grande existe uma comunidade quilombola urbana denominada Comunidade de Tia Eva ou também conhecida como Comunidade São Benedito. Tal comunidade foi fundada por uma ex-escrava cujo nome lhe foi atribuído.

Na década de 1830, as minas de ouro da província de Goiás decaem, ocasionando o aparecimento de outra economia, a agropastoril na região sul da província. A margem do rio Claro, a família Vilela construiu a sua fazenda Ariranha utilizando-se da mão de obra escrava (SANTOS, 2012).

Tia Eva, ou Eva Maria de Jesus, nasceu na fazenda Ariranha, propriedade de José Manoel Vilela, no ano de 1848. Nascida escrava foi preparada desde cedo para os afazeres domésticos e desempenhar várias funções na casa-sede da fazenda. E segundo Santos (2012) que cita o depoimento do neto de Tia Eva, Waldemar Bento Arruda, onde ele diz que sua avó assumiu serviços na cozinha e produzia diversos doces.

Tia Eva alimenta um sonho de liberdade, de possuir uma terra que fosse dos negros e que esses pudessem trabalhar e cuidar de suas famílias. Passou a ficar conhecida como benzedeira, e devido a esse fato passou a ser conhecida como tia Eva, e gerando uma clientela, garantiu um espaço social nas localidades. Em 1904 Tia Eva inicia os preparativos para a viagem para Campo Grande, o transporte foi feito por carros de boi e no trajeto tinham que parar para fazer roças para alimentar-se. Tia Eva com a imagem de São Benedito guia o povo em direção a essa terra e no caminho faz uma promessa ao santo de sua devoção que se curasse a ferida da perna, no local de sua moradia faria uma igreja em homenagem ao santo. Em 1905 chegam a vila Santo Antonio de Campo Grande se instalam em terras sem donos e assim surge a comunidade negra rural Tia Eva (SANTOS, 2012).

## **ORALIDADE DE UM BISNETO BISNETO DE TIA EVA**

Para esta análise linguística, foi utilizado um vídeo/documentário veiculado na internet intitulado “Documentário Tia Eva Memória Viva”, do qual se retirou para este estudo, a fala de um morador da comunidade, Sérgio A. da Silva – Bisneto de tia Eva. Transcrevemos literalmente a sua fala, mantendo as características da fala oral destacando os elementos que apresentam a influência das línguas africanas, segundo os autores acima apresentados. Somente

as palavras destacadas com sublinhado foram selecionadas para análise que está apresentada na sequência. Para facilitar a análise, a fala foi dividida em quatro partes com linhas numeradas.

### PARTE I

1. Bom, Eva Maria di Jesus, como nós tratamo tia Eva, chego aqui em Campo 2. Grande em 1905 vinda do estado di Goiás com carro de boi e chegano aqui 3. exatamente na cidade de Campo Grande em 1905 vei de lá com três filha, 4. vei pra cá tentar a sorte em (...) Mato Grosso na cidade de Campo Grande 5. dipois que foi liberta escravidão i ela intão chegano aqui vei duente, com 6. uma firida que ela tinha na perna que essa firida já tinha mais de quinze 7. anos, essa firida não sarava, intão foi o momento que ela resorveu fazê 8. uma promessa para São Benedito, intão ela fez uma igrejinha de madera em 9. 1912 e cumeçô a fazê essa festa de São Benedito e 1919 ela dismanchô 10. essa igrejinha de madera e costruiu essa de São Benedito que até hoje 11. esta saino essa festa tradicional de São Benedito quale agora em 1994 12. realizamo essa festa. (sic)

### (...) PARTE II

1. Naquele tempo também intão o cumpromisso da tia Eva era so memo com a 2. parte religiosa, mas a minha mãe conta, que vinha muita gente de fora de a 3. cavalo, com carreta de boi, intão ficava aí amanhecia o dia um oyano para a 4. cara do outro e intão que resorveru fazê baile NE!? Aonde ela conta que 5. teve um ano que num arrumaru instrumento e dancar só memo bateno 6. caxote, batia uma hora (?) outra hora mais outro caxote, es manhecia o dia 7. dancano, que vinha quelas pessoa de longe sortava boi no pasto, cavalo e 8. dipois ficava cum medo de pegar de noite aqueles cavalo cu medo de cobra, 9. intão por isso resorveru fazê esse baile e esse baile que nois tamo dano 10. continuidade até hoje purque é, aí tinha também a dança da catira, dipois 11. que, antes, que tinha antes do baile dança da catira que nois tamo 12. quereno dar continuidade dessa catira que era tradição da festa dessa 13. época. (sic)

### (...) PARTE III

1. Cumo era uma pessoa que naquela época, aqui era como um sacerdote 2. tanta pra rezá terço, era ela cumo também na época aqui pra a partera que 3. tinha aqui pra atendê a comunidade era ela e...ela terminô tendo assim uma 4. grande liderança, que as pessoa da sociedade, naquela época, intão viviam 5. sempre procurano a tia Eva. Tia Eva chegou aqui em Campo Grande com 6. suas três filha e cum um senhor por nome di ti'Adão, minha mãe falava 7. dessa ti'Adão, esse ti'Adão vei junto cum ela e cum mais essas três filha, 8. agora a gente...chegô cum ela... e não pode afirmar se era o esposo dela ou 9. não, mas vei

junto com ela. E tia Eva logo que **chegô** aqui, ela requereu aqui **10.** oito hectari e maia de fala pelo intedente da prefeitura (...?) por oitenta e **11.** cinco mil réis, quando ela vei de Goias pra cá já tinha divoção cum São **12.** Benedito, porque a gente tem um santinho de **madera**, aí esse santo vei **13.** com ela de Goias e que hoji, até hoji ele si encontra aí na igrejinha de São **14.** Benedito. (sic)

(...) **PARTE IV**

**1.** Intão eu quero **dexá** hoji uma **mensagi** nessa fita, essa **mensagi** que tia Eva **2.** passô pra minha bisavô e minha bisavó passo pra minha mãe, para que **3.** amanhã **dipois**, pois quando eu não **tivé**, dê cuntinuidade também a essa **4.** promessa NE!? Porque eu acredito que tia Eva não morreu, ela esta mais **5.** viva de lá de cima também **oiando** por aquelas pessoa que ta **cumprino** **6.** cum sua promessa que foi tão agraciada cum ela, intão a **mensagi** que eu **7.** **dexo** também, que não só **meus filho**, mas **aqueles descendente** da tia **8.** Eva também que são muitos, hoji, nada nada é aprox(ch)imadamente mais **9.** de **mili pessoa dos descendente** da tia Eva, que ouve essa **mensagi** e dá **10.** essa continuada, **vamu(...?)** enquanto **existi** um sanguinho **dos bisneto** da **11.** tia Eva (sic).

### **Análise das influências africanas observadas**

As palavras destacadas no texto acima apresentam características de influências africanas, faremos a análise de acordo com Aragão (2011):

**a) Apócope:** É quando a consoante que finaliza a palavra é omitida, assim a palavra termina com uma vogal, ocorre geralmente com as consoantes l e r. Essa característica como vimos no referencial teórico é de origem bantu e ioruba, pois essas duas línguas não possuem palavras que finalizam em consoante (PESSOA DE CASTRO, 2015). Percebemos que essa situação ocorre na fala de Sergio da Silva quando este diz:

- Bom, Eva Maria di Jesus, como nós **tratamo** tia Eva [...] – PARTE I, linha 1.
- [...] intão foi o momento que ela resorveu **fazê** uma promessa para São Benedito [...] PARTE I, linha 7.
- [...] e cumeçô a **fazê** essa festa de São Benedito [...] PARTE I, linha 9.
- [...]em 1994 **realizamo** essa festa. PARTE I, linha 12.
- [...] por isso resorveru **fazê** esse baile [...] PARTE II, linha 9.
- [...] como um sacerdote tanto pra **rezá** terço [...] PARTE III, linha 2.

- [...] na época aqui pra a partera que tinha aqui pra **atendê** a comunidade [...] PARTE III, linha 3.

- [...] ela **terminô** tendo assim uma grande liderança [...] PARTE III, linha 3.

- [...] **yamu** (...?) enquanto **existi** um sanguinho dos bisneto da tia Eva. PARTE IV, linha 10.

**b) Síncope do D no grupo ND:** Ocorre no encontro consonantal **nd**, como já dissemos, as línguas africanas possuem uma estrutura silábica de consoante-vogal, portanto nas palavras Portugêsas que acontece tal encontro, sofre a influência da omissão da consoante **d**. Apontaremos a seguir a fala de Sérgio da Silva que possui essa característica:

- [...] vinda do estado di Goiás com carro de boi e **chegano** aqui exatamente na cidade de Campo Grande [...] PARTE I, linha 2.

- [...] e construiu essa de São Benedito que até hoje esta **saino** essa festa tradicional de São Benedito [...] PARTE I, linha 11.

- [...] dançaru só memo **bateno** Caxote. PARTE II, linha 5.

- [...] es manhecia o dia **dançaño**. PARTE II, linha 7.

- [...]nois tamo **dano** continuidade até hoje. PARTE II, linha 9.

- [...]nois tamo **quereno** dar continuidade dessa catira. PARTE II, linha 12.

- [...] intão viviam sempre **procurano** a tia Eva. PARTE III, linha 5.

- [...] aquelas pessoa que ta **cumprino** cum sua promessa. PARTE IV, linha 5.

**c) Iotização:** Fenômeno que ocorre na oralidade quando o lh é substituído por y:

- [...] intão ficava aí amanhecia o dia um **oyano** para a cara do outro. PARTE II, linha 3.

Observa-se que a mesma palavra ocorre na PARTE IV, linha 5.

**d) Supressão da marca redundante de plural:** Não há concordância de número entre o artigo/pronome e o substantivo.

- [...] chegano aqui, exatamente na cidade de Campo Grande em 1905 vei de lá com **três filha**, [...] PARTE I, linha 3.

- [...]Tia Eva chegou aqui em Campo Grande com **suas três filha** e cum um senhor por nome di tí'Adão. PARTE III, linha 6.

- [...]esse tí'Adão vei junto cum ela e cum mais **essas três filha**. [...] PARTE III, linha 7.

- [...] que não só **meus filho**, mas **aqueles descendente** da tia Eva [...] PARTE IV, l. 7.

- [...] enquanto existi um sanguinho **dos bisneto** da tia Eva. PARTE IV, linha 10.

e) **Perda da nasalização final:** O fonema final M é omitido na linguagem oral, sendo que a terminação da palavra com essa consoante é abreviada em vogal apenas. Como veremos a seguir:

- [...] cara do outro e intão que **resorveru fazê** baile NE!? [...] PARTE II, linha 4.

- [...] Aonde ela conta que teve um ano que num **arrumaru** instrumento e **dancar** só memo bateno caxote [...] PARTE II, linha 5.

- [...] intão por isso **resorveru** fazê esse baile [...] PARTE II, linha 9.

- [...] Intão eu quero **dexá** hoji uma **mensagi** nessa fita [...] PARTE IV. Linha 1.

f) **Rotacismo:** É o fenômeno que ocorre a troca do fonema l pelo r na modalidade oral é muito frequente, porém não aceita na modalidade escrita por se tratar de uma linguagem formal regida pela gramática normativa, como estamos tratando aqui da fala, apontaremos as frases que ocorrem rotacismo na fala que é nosso objeto de estudo.

- [...]intão foi o momento que ela **resorveu** fazê uma promessa para São Benedito. PARTE I, linha 7.

- [...] vinha queelas pessoa de longe **sortava** boi no pasto [...] PARTE II, linha 7.

g) **Aférese:** No fenômeno aférese ocorre a supressão de um elemento fonético inicial de uma palavra como citada por Aragão (2011) estava – tava, na fala do descendente de ex-escrava Tia Eva encontramos:

- [...] esse baile que nois **tamo** dano continuidade até hoje [...] PARTE I, linha 9.

- [...] pois quando eu não **tive**. [...] PARTE IV, linha 3.

h) **Monotongação:** Redução de duas vogais em uma como percebemos na oralidade do povo brasileiro aqui representado por Sérgio da Silva.

- [...] intão ela fez uma igrejinha de **madera** em 1912 [...] PARTE I, linha 8.

- [...] dançaru só memo bateno **caxote**, batia uma hora (?) outra hora mais outro **caxote** [...] PARTE II, linha 6.

- [...] era ela cumo também na época aqui pra a **partera** [...] PARTE III, linha 2.

- [...] Intão eu quero **dexá** hoji uma mensagi nessa fita [...] PARTE IV, linha 1.

i) **Ditongação:** - [...] tia Eva, chego aqui em Campo Grande em 1905 vinda do estado di Goiás com carro de boi e **chegano** aqui exatamente na cidade de Campo Grande em 1905 vei de lá com **três filha** [...] PARTE I, linha 3. “ três” [‘tRejs ].

O mesmo ocorre na PARTE III, linhas 3 e 4.

Pode-se perceber de forma bem clara na fala do Sérgio da Silva, algumas das principais influências fonéticas-fonológicas das línguas africanas no Português do descendente de tia Eva.

Vale destacar que essas influências não se restringem somente a afro-descendente, mas como sabemos está presente na linguagem coloquial, na oralidade do Português do Brasil, difundido ao longo de todo país.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao contrário do que algumas pessoas pensam ou até mesmo ignoram, o povo africano exerceu influência na cultura brasileira muito além da culinária e religião, influenciou também a nossa língua principalmente na oralidade, como podemos observar na análise feita na fala de um descendente de ex-escrava Tia Eva. Não seria possível a língua negra não contribuir com o português brasileiro diante de três séculos de escravidão onde a maioria da população era africana ou mestiça.

Após fazermos os levantamentos das línguas africanas, povos e de que regiões vieram, de acordo com os estudiosos citados podemos chegar aos fenômenos fonético-fonológicos que ocorrem no português brasileiro e identificar algumas das influências africanas ou contribuições a nossa língua, português brasileiro recebeu. Apontamos neste estudo o apócope, a síncope, a monotongação, a ditongação, a aférese, perda da nasalização final, o rotacismo, a supressão da marca redundante de plural e a iotização, apontando na fala de um bisneto de ex-escrava, que no caso foi o nosso objeto de estudo os aportes da língua africana.

Essas características apontadas ressaltam o nosso modo de falar, como disse Pessoa de Castro (2015) e isto ocorre graças a língua bantu gostar de vogais, assim como utilizar um prefixo para determinar o plural, que no nosso português resultou na supressão do plural onde só o artigo declina como costumamos a ouvir por aí: as criança, as planta e etc.

Portanto, concluímos que as línguas africanas contribuíram e muito para o português brasileiro que temos hoje, tanto na fonética/fonologia quanto na maneira de falar cantado além dos léxicos como a palavra caçula, molambo entre outras, assim como deixaram suas marcas na cultura brasileira, na culinária, religião e folclore.

É necessário destacar que as influências africanas que tratamos no presente artigo, podemos percebê-las na fala do povo brasileiro na sua maioria, algumas das características tratadas são encontradas principalmente nas classes sociais mais baixas e zonas rurais. Assim, essas influências fonético-fonológicas variam de acordo com o meio social e cultural. A origem negra/ escrava de tais influências faz com que seja considerado em uma perspectiva

hierarquizante de fundo racista, como falares de menor prestígio e, portanto carregadas de preconceito linguístico.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Africanismos no português do Brasil. **Revista de Letras**. Vol. 30, 1/4, jan. 2010/dez. 2011, p. 7-16.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil** — Brasília: FUNAG, 2012.

MORAES, Vanda. **Tia Eva, Negra Eva: História da Comunidade de São Benedito**. Campo Grande: Diogo Gráfica e Editora, 2003.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. Das Línguas Africanas ao Português Brasileiro, **Afro-Ásia**, Salvador, CEAO (14), 1983. p. 81-103.

\_\_\_\_\_. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks Editora. 2001.

\_\_\_\_\_. **A influência das línguas africanas no Português Brasileiro**. Disponível em em <http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf>. acessado em 12/04/2017.

\_\_\_\_\_. “A língua Portuguêsa que falamos é culturalmente negra”. **Geledés: Instituto da Mulher Negra**. Disponível em <https://www.geledes.org.br/a-lingua-Portuguêsa-que-falamos-e-culturalmente-negra/>. 2015. Acessado em 12/12/2017.

SANTOS, Carlos Alexandre B. Plínio dos. Eva Maria de Jesus (tia Eva): Memórias de uma comunidade negra. **Anuário Antropológico** (online) I/2012 disponível em: URL: [HTTP//AA.revues.org/317](http://AA.revues.org/317). Acessado em 18/09/2017.